

② Após a colonização da América, começada após os Descobri-
mentos, iniciou-se o que Immanuel Wallerstein chama de
sistema mundo em que se inaugura um novo modelo
de desenvolvimento econômico que Amibal Guifano cha-
meu de "Colonidad del poder". Os europeus impuseram um
modelo de modernidade que prejudicou o avanço autônomo
e natural das sociedades latinoamericanas.

A "atlantização", termo usado por João Fragoço, ocorre nos
anos 1530 quando a ameaça pirata na costa brasileira, a
crise das Índias Orientais e a descoberta de metais precio-
sos na América Espanhola. No entanto, um outro fenô-
meno inovativo abriu os olhos de Portugal para o Atlân-
tico: o comércio de escravos.

Segundo Luis Felipe de Alencastro, o comércio de almas
gerou uma acumulação específica de capitalismo comer-
cial, além de ser usado pela Coroa para controlar a
administração na colônia regulando a entrada e saída
da mão de obra.

É importante destacar que o escravo era relativamente
barato porque não havia um gasto social em sua pro-
dução. Ele era arrancado da sua comunidade e vendido
sem nenhum investimento nele antes de sua captura.

O governo português se pautou com as capitânias here-
ditárias, já que apenas duas vingaram. Portanto adotou
uma nova política administrativa com os Governos Gerais.
No entanto, foi impossível controlar completamente a admi-
nistração colonial, já que a distância entre a colônia
e a Metrópole permitiu o surgimento da corrupção em
vários setores da burocracia.

Por isso é importante destacar que as relações de
poder acabaram sendo proximas de certa forma. Esse

processo se alterou, em certa parte, com a descoberta do Ouro.

A política adotada pelo Marquês de Pombal gerou um grande impacto nas relações de poder tradicionais, o que desencadeou em uma série de revoltas. Por isso que João Pinto Furtado alega que a Conjuração Mineira, por exemplo, não tinha a intenção de agir contra o rei ou proclamar a independência, mas retornar a uma situação em que os colonos sentiam-se confortáveis com os seus métodos e sua dinâmica interna de exploração da mão de obra escrava e indígena.

Uma de nossas heranças coloniais é o latifúndio e uma de nossas heranças dos tempos do Império foram as reformas, as leis de terras e a abolição da escravidão sem uma distribuição de terra. A capitalização do campo, só alterou a maneira pela qual se faz a exploração, atualizando a dinâmica econômica nacional às exigências do sistema mundo. As elites nacionais não mudaram o modelo explorador no campo de forma radical, mesmo após a abolição e a industrialização.

Isso gerou movimentos rurais. No início, é impossível detectar os "rebeldes primitivos" de que fala Eric Hobsbawm, isto é, os movimentos despassionados de um projeto político. O cangaço e o fanatismo foram formas rurais de se rebelar no Brasil. Profetas lideraram os camponeses que lutavam pelo retorno do sagrado na política. Na revolta do Contestado, em 1912, Manuel Alves de Assunção, proclamou-se Imperador do Sul-

Brasileiro, como mostrou Jacqueline Hermann.

Os estudos de Edward Thompson, para o caso inglês, nos ajudam a compreender a dinâmica cultural desses primeiros movimentos rurais de reação ao avanço do capitalismo no campo.

Mas a partir dos anos 1940 esse processo se altera. Vargas criou inúmeros aspectos que favoreceram os trabalhadores urbanos, contendo até mesmo, de certa forma, a sua organização autônoma. Em contrapartida, as relações do campo não se alteraram e para transformar essas lutas camponesas, as ideias revolucionárias quebraram as cercas das fazendas.

Surgiu Julião e as ligas camponesas apoiadas, inclusive, pelo Partido Comunista. A questão da Reforma Agrária entrou nos tópicos das reformas propostas por João Goulart. No entanto, as elites tradicionais se mobilizaram e perceberam a necessidade de um golpe militar e civil para atravessar as lutas das forças produtivas do campo. Desta forma o latifúndio manteve seu domínio.

Cabe lembrar que esses movimentos rurais revolucionários desembocou no MST, uma força social de extrema importância no Brasil que desenvolve uma economia paralela a imposta pelo sistema-mundo visivelmente capaz de propor uma alternativa mais humanitária ao modelo de exploração e extermínio que assola os campos brasileiros.

③ O principal foco na sala de aula deve ser a dialética entre o discurso trazido pelo aluno e o conteúdo trabalhado em sala de aula. Desta forma, é possível promover uma

educação crítica e não apenas transformar pessoas em capital humano.

A cultura no Brasil entre o fim do Estado Novo e o início da ditadura civil-militar de 1964 foi marcada por um forte americanismo que se deflagrava com as manifestações artísticas de cunho nacional. Portanto, seria de extrema importância abordá-la através de contrapontos.

De um lado trazer para os alunos os filmes da indústria cultural hollywoodiana e os desenhos da Disney que eram (e são até hoje) veículos importantes para a disseminação dos valores norte-americanos.

Em contraposição, seria interessante abordar as letras do principal movimento musical criado nesse período: a Bossa Nova. A partir delas compreender o lugar de produção, isto é, o contexto cultural e político, sem deixar escapar que a bossa nova foi uma manifestação elitista, de um nacionalismo burguês, em contraposição ao samba, gênero que as elites não se identificavam tanto.

Para abordar os movimentos sociais deste período, seria salutar recuperar as imagens da época. Os panfletos e cartazes era a principal forma artística e visual agenciada por esses movimentos.

Outra forma de abordar o tema é o resgate de depoimentos de militantes feministas, do movimento operário e sexual para trabalhar em sala com os alunos. Além disso relacioná-los com os do movimento negro que ganhou força nas décadas seguintes.

Trazendo aluno para o seu contexto, e precise promover discussões sobre as conquistas sociais das últimas

anos. Para tal, seria útil a produção de textos e debates a partir do conteúdo para ouvir os diversos discursos dos alunos - que adquirem através das relações de cotidiano - e, em seguida, as propostas para a construção de um Brasil mais participativo